

PROSADORES CEARENSES

JOÃO BRÍGIDO

Berço de vários expoentes da cultura nacional, o Ceará tem sabido, no decorrer dos tempos, acolher e fazer-se amar por alguns valorosos brasileiros, não cearenses, aos quais dis pensa o tratamento de filhos, em igualdade de condições com os nascidos no seu solo.

No número desses patricios eminentes merece figurar o advogado, professor, político, historiador e jornalista João Brígido dos Santos.

João Brígido nasceu a 3 de dezembro de 1829, em São João da Barra, então da província do Espírito Santo, e faleceu a 14 de outubro de 1921, em Fortaleza.

Chegando menino à nossa terra, aqui aqui sempre viveu a ela se dedicando inteiramente: trabalhou pelo seu progresso, defendeu as liberdades públicas, estudou o seu passado.

Como periodista, combateu e derrubou máus govêrnos. Famoso, nesse afã, foi o seu jornal *Unitário*, honesto e desassombrado órgão da imprensa, colocado intransigentemente a serviço das causas populares.

Historiador e cronista, narrou com espontaneidade e graça os sucessos de antanho, revivendo épocas e reconstituindo fatos.

Ardor, franqueza e ironia são as suas principais características de articulista e de escritor. Apaixonado pelos assuntos e problemas de que tratava, sôbre êles discorria como que em voz alta e de peito aberto. Não temia represálias. Era, na verdadeira expressão, um paladino dos interêsses gerais.

Cometeu excessos, por vêzes, mas teve sempre presente no coração o grande Brasil e esta província agreste e ensolarada.

Da sua pena de mestre, que afereceu à historiografia regional os livros intitulados *História do Ceará*, *O Ceará (ladoômico)*, *O Ceará (Homens e Fatos)* e *Miscelândia Histórica*, saíram para as antologias páginas de alto mérito e de rara



João Brígido

Caricatura da autoria de José Gil Amora, publicada
na *Ceará Revista*, de Fortaleza
Coleção Fernando Frota Amora.

beleza. «Os Meus Anos!» «A Fome e a Sêde», « O Ferreiro da primeiros estudos literários, nas incursões primeiras pela «Maio», «Liberdade», «O Ipiranga» e «5 de Dezembro» são alguns desses admiráveis escritos.

«O Ferreiro da Maldição» é uma estampa bem cearense, um artigo interpretativo da luta titânica do homem do torrão dos verdes mares pela própria sobrevivência e a dos seus decendentes. O Ceará, diz João Brígido, lapidarmente, «é o ferreiro maldito, de quem fala a lenda popular: *quando tem ferro falta carvão*. É o nadador contra a corrente, que nunca chega; o carangueijo, que anda e desanda; o eco a repetir a pergunta sem lhe dar resposta; o nó sem ponta; o sonho que promete em sombras que não se distinguem bem, a vaga esperança enfim, para a qual nunca chega o dia.»

Terá João Brígido sido pessimista ou desamoroso nesses trechos da sua prosa?

O autor de O Ceará (Homens e Fatos), sem haver aqui nascido, sentiu desde os dias da infância o calor maternal da gleba que o acolhera, entrou em comunhão com o povo que a habitava, testemunhou-lhe muitos eventos históricos e, sem laços que o prendessem psicologicamente ao distante Espírito Santo, deixou-se dominar pelos primores a que Araripe Júnior se refere no *Perfil Literário* de José de Alencar. Adaptou-se ao novo meio, sem artifícios, ainda não homem feito, e o amou, procurando sempre ser útil à pequena pátria adotava. Que significação teria a circunstância de outras unidades políticas da nação serrana mais poderosas ou prevaletentes, havendo êle formado a mentalidade neste pobre e glorioso rincão de vaqueiros e jangadeiros, ninho de águias nas manifestações da inteligência e nas pugnas heróicas? No trabalho referido, apenas coloca em destaque uma tragédia secular, porém manifestando a crença em uma era redentora. Antevê a construção de açudes. O ferreiro será bendito algum dia, esclarece. E quando será isso, interroga. Mas, logo responde: «Que seja para os netos dos nossos netos, não importa. O mundo não é tão curto, que acabe em nós; e cem anos, na ordem dos tempos, é menos de um til em nossos lábios.»

Jáder de Carvalho publicou uma opulenta *Antologia* de João Brígido e estudou com esmero a personalidade desse jornalista que rivalizou, sob certos aspectos, na região Norte — Nordeste, com o notável João Lisboa. Por que Francisco Alves de Andrade não inclui o gigante capixaba no seu elenco de escritores geopônicos nossos conterrâneos?

M. A. A.